O DEMOCRATA

(AVEIRO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — N.º 1816

Sábado, 25 de Dezembro de 1943

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

NATAL

A todos os nossos amigos — e muitos são — assinantes, colegas, colaboradores e anunciantes, desejamos, nesta quadra do ano, felizes festas.

PREMIANDO O TRABALHO

Na Fábrica Aleluia houve uma festa digna de ser posta em relêvo

JOÃO ALELUIA

O estabelecimento fabril fundado nesta cidade, em 1905, por João Pinho das Neves Aleluia, esteve na segunda-feira em festa. Razões dela: a ideia que há muito germinava no cérebro dos seus actuais proprietários, Gervásio e Carlos Aleluia, de distinguirem alguns operários que nêle trabalham há mais de 15 e 20 anos. Consistiu, portanto, essa festa em galardoar o labor e demonstrar ao mesmo tempo o grau de amizade existente entre patrões e empregados.

Vamos dar um resumo muito sucinto daquilo que vimos e ouvimos. Pelas 15 horas e num dos vastos salões do edifício da Fonte Nova onde ficam as instalações da fábrica, e que se apresentava engalanado, compareceram todos os operários, os gerentes da mesma com suas famílias e vários amigos. Organizou-se uma

SESSÃO SOLENE

Na mesa, a presidir, o sr. Silva Rocha, antigo director da Escola Industrial Fernando Caldeira, ladeado pelos srs. Alfredo Esteves, dr. Joaquim Henriques, Luís Côrte Real, dr. Antónío Peixinho e Arnaldo Ribeiro.

Usando da palavra

Carlos Aleluia

faz a história da fábrica desde o início, alude às vicissitudes por que passou, descreve pormenores, os auxílios que seu Pai recebeu em horas críticas, enfim, tudo que foi preciso para chegar aos pontos de hoje. A seguir põe êste problema: a continuïdade no trabalho é sempre valiosa? Quer dizer: um empregado com muitos anos de serviço é sempre melhor que outro que tem apenas metade? Concretizando melhor: um empregado que se conserve numa casa por anos e anos, deve classificar-se sempre de um bom empregado? Nem sempre. Se o empregado é mau, e se por razão ou razões que não friso agora, se não despede, quanto mais anos de serviço tiver, mais prejuízo dará, ou em capacidade ou em qualidade. Assim a distinção cabe com mais justiça sempre aos que, tendo continuïdade, têm qualidade. O desleixo repetido, soma mais desleixo e pelos anos fora forma-se um montão de êrros e faltas que a ninguém deu benefício e à casa deu prejuízo. E quantos mais anos está, menos digno será de admiração ou estima dos patrões. E' uma razão inversa: quanto mais tempo menos mérito. Dou-lhes êste tema para pensarem quando lhes não apetecer dormir, como tantas vezes a mim acontece, e como quando se não pode dormir temos de pensar em alguma coisa... Pensem nisto aquêles que o julgarem mais digno de atenção.

Ocorre-me a seguir preguntar: deve merecer-se para receber, ou receber para se merecer? Eu explico mais claramente. Deve a pessoa que trabalha demonstrar, no lugar que ocupa, que vale, para que com justiça lhe seja atribuido um melhor ordenado, ou ao contrário, não ter atenção ao serviço e aguardar que lhe seja primeiramente fixado um salário superior para depois se esforçar? Eu entendo que por dignidade mútua, é o primeiro ponto que todos devem defender. A pessoa tem de demonstrar o que vale, para se lhe reconhecer êsse valor. Eu chamo aqui o assunto por verificar que um grande número de pessoas que exercem a sua actividade por conta de outrem, têm êsse errado critério; pretendem uma melhoria de vencimento para depois teòricamente, quási sempre, melhorarem a sua forma de produzir. E' um engano. As pessoas só podem ser notadas para auferirem melhor situação, se a sua actividade para melhor fôr de facto notável. Se fôr má, como pode ter direito a melhor remuneração? E digo melhor, partindo da base do salário mínimo.

Para bem merecer precisa, em primeiro lugar desempenhar-se da sua missão com atenção, perfeição e asseio. Estas qualidades são superiores às de produzir muito, mas mal. A perfeição no trabalho, é a maior virtude que pode ambicionar qualquer pessoa. Há uma íntima relação entre a qualidade do trabalho e o carácter de quem o produz.

A degenerescência verificada no carácter duma pessoa nota-se sempre que deixe de ser pontual, aplicada e consciencioso no seu trabalho.

Diz-nos *Marden*, o interessante filósofo americano, que averiguemos quais as causas primordiais que atiram maior percentagem de pessoas para os presídios. E responde: «A ruína principiou quási sempre no primeiro momento em que malbarataram o seu tempo, fazendo um trabalho defeituoso e sem consciência.»

E classifica essa falta de consciência no trabalho, como falta de honradez profissional. E conclue: «Criou-nos Deus para sermos honrados. Quando o não somos, desmoralizâmo-nos, e com isso sofre todo o nosso ser moral. Roubar o dinheiro e os bens dos outros não é tudo o que a palavra honradez abrange». O contrato assinado com o patrão significa dever-lhe o melhor da sua capacidade, e não o tolerável ou mau. Tampion e Graham jazem na abadia de Westminster em homenagem à exactidão e perfeição do seu trabalho.

A lei das 8 horas de trabalho, é, em minha opinião, justa e equilibrada. Por lógica fica o dia dividido em 3 partes: 8 horas para trabalhar, 8 para distracção e 8 para dormir. Convenço-me de que as 8 horas de trabalho, ocupadas com os cuidados normais (e foi essa a base séria que presidiu no espírito do legislador) dão uma produção razoável, e o corpo fica com vontade de repousar. Isto é a lei, e em muitas ocupações ou profissões ajusta-se perfeitamente, até mesmo cá dentro, naquêles que queiram cumprir. O que é que, numa grande maioria, se verifica? Que nas 8 horas normais de trabalho se esforçam o menos possível a-fim de ficar com reservas para, em algumas horas que se lhes seguem, produzir em actividades estranhas e quási sempre mais violentas.

Dir-me-ão em resposta e às vezes também com acêrto: mas... temos necessidade de o fazer para completarmos o que reputamos necessário ao mais desafogado equilíbrio da nossa vida doméstica.

Pois bem. Analisemos o fenómeno, que divido em duas partes.

A primeira está falada. E' a falta de cuidadosa produção. Inferioridade de capacidade — o menor salário. Quanto mais abandono, menos merecimento, menos salário. E' um círculo vicioso.

A segunda, é um mal nacional, o baixo nível de vida de todos nós, patrões e empregados, o que nada tem com as 8 horas de trabalho. Se fôssem 4 ou se fôssem 16, sem uma profunda modificação económica, êste estado de coisas não se teria da mesma forma verificado. E' uma doença nacional que uma actividade de particular, por muito boa vontade que tenha, não pode curar. Aguardemos um especialista. Um industrial barato, como nós, não tem possibilidade de retirar um ordenado que se compare ao salário de operários de muitos países da Europa e da América.

Nós reconhecemos absolutamente que o salário dos operários portugueses, é insuficiente para que possam elevar o seu nível de vida. E' uma verdade indiscutível, a situação que, a nós particularmente, atormenta e aflige. Desejaríamos que as possibilidades de exploração permitissem um grande passo para modificar esta quási que miserável posição. Se, com a ajuda de todos, pudermos um dia respirar melhor, creiam que mais alguma coisa desejamos fazer para que, para todos vós o trabalho, de um fardo, se transforme num prazer. Êste problema tem aspectos de tal transcendência que nem a maior parte de vós os entenderia fàcilmente nem eu tenho competência para os abordar. Tocamos um pouco êste instrumento de ouvido e com o coração; minguados recursos para alcançar uma solução afinada.

Não se esqueçam, porém, de que uma reforma qualquer, nunca terá êxito sem uma sã e séria colaboração. Não tenham nunca a quiméra ambiçao de conseguir o máximo com o mínimo de esfôrço.

A grande modificação que deverá operar-se não dará frutos nos nossos dias; e para nossos filhos, êles só serão sàdios e valorosos, se nós todos, no presente, bem tratarmos as raízes. Sejamos pois sérios e sinceros no cumprimento dos nossos deveres.

Há vícios que todos devem repudiar e procurar fazer desaparecer: o cinismo, a delação.

Far-nos-ão justiça acreditando que o nosso espírito de observação não deixa escapar êstes dois defeitos. E' certo que, nesta casa felizmente, há poucos casos a registar, mas seria um grande benefício para todos que êles desaparecessem em absoluto.

O cinismo é uma cobardia. E' muito mais suportável enfrentar um génio desassossegado, irrequieto e até mesmo inconveniente, mas sincero, do que a baixeza do cínico, que, pretendendo ìntimamente desagradar, se mostra servil e bajulador. Creiam que é para mim um dos maiores sacrifícios ter de ouvir as palavras dum indivíduo desta espécie. Nada há que valha mais que a franqueza. Tudo o que temos a dizer, deve ser dito claramente e de cara levantada. O encobrir-se com um ar seráfico um sentimento contrário, é baixeza moral. E' reflectir um pouco nestas palavras quem delas houver necessidade, e procure modificar-se. Presta um grande benefício a si próprio. A delação, a denúncia, a queixa, outro defeito de carácter, que deve desaparecer. Só de faltas que impliquem uma modificação grave no indivíduo, e que por seu turno vão pôr em perigo o bom nome colectivo, devemos tomar conhecimento.

Só essas faltas e as que causam graves prejuízos, os patrões devem saber. As outras, tôdas as outras faltas ou defeitos, compete a todos corrigi-los e evitá-los. E' muito mais útil remediar um mal que agravá-lo. Não se queixem uns dos outros, poupando, a quem chefia os trabalhos, o desgôsto de ter conhecimento de pequenas faltas que indispõem, dão às vezes aborrecimentos sérios que nada resolvem em benefício do trabalho ou do indivíduo. O caminho é portanto o inverso do que algumas vezes tomam. Se notam um defeito no trabalho de um companheiro, é ao próprio chamar a atenção para isso e procurar que, sem mais alardes, êsse defeito se corrija no momento, ou se evite no futuro. Assim se presta um bom serviço à casa e ao companheiro, sem complicar aquilo que, as mais das vezes, nada tem de complicado. Para que se não faça um juízo errado, devo esclarecer que êsse costume da queixa é raro entre o nosso pessoal, mas não é raro no entretanto ver-se trabalho feito com grande desinteresse. Para êste desinteresse há uma classificação justa na maior parte dos casos—desleixo.

Há efectivamente uma percentagem exagerada de desleixo, desinteresse, que seria bom diminuir (já não digo eliminar completamente) para bem da comunidade e prestígio individual. O desleixo pode ser por temperamento. E' êste difícil de combater. Há pessoas para quem se olha e nas quais vemos no seu todo estampado êste mal. E' uma doença hereditaria, por vezes, e não raro uma tara ancestral. Estes são incuráveis; nem conselhos, nem ambiente, nem observações ou repreensões mesmo, os modifica.

Noutros, é um desleixo que podemos classificar de deshonestidade profissional. Têm a consciência de que a sua acção é perniciosa e não procuram forma de modificar-se. Sem um fiscal, êsses indivíduos nada produzem; nem bom nem mau. Depois, aliam quási sempre a êste defeito o do aspecto, que não quero desenhar agora. Depois há o desleixado mau, propositado, aquêle que faz mal por prazer, porque toma por base êste princípio: o patrão pode bem pagar, isto não faz diferença, etc., etc., etc.

Há só um desleixado digno de dó. O que chega ao amolecimento de energia por desgostos—doenças, etc. A êsse falta realmente a acção, a vontade de trabalhar e às vezes de viver. E' um abandono de si mesmo. Precisa do amparo de todos. E' um desleixado vítima da fatalidade. A êste tipo de desmoralizado, há que insuflar-lhe ânimo. A's vezes as desgraças não são tão grandes como o espírito as transportou da realidade. Pode haver uma percentagem de pessimismo. Cabe aos colegas ainda a missão de reanimar um vencido, quási sempre sem fundamento muito grave. Diz Schopenhauer: *Para o péssimista o mundo é tão árido e superficial, como é rico e interessante para o optimista.*

Quando se notar que um homem desce no seu valor de capacidade de trabalho e se conhecessem as causas morais que a êsse fenómeno dão origem, é dever de todos fazê-las diminuir, insuflando-lhe uma dose de optimismo. Conseguiremos transformá-lo ainda num elemento útil e de capacidade normal, se para tal nos esforçarmos.

Para que estas coisas e tantas outras se possam cuidar e ter efectivação regular, e se consigam numa uniformidade de direcção de movimentos paralelos, isto é, que sem afectar grandemente os interesses gerais da laboração, se possam amparar e auxiliar na sua conduta e acção os menos dotados de qualidades, quer materiais como produtores, quer morais como companheiros, é absolutamente indispensável uma colaboração íntima dos patrões e dos empregados. Essa colaboração é necessária ao interesse de ambas as partes. Daqui se conclue que as relações afectivas entre os operários entre si e entre os patrões e os operários, têm uma alta função social. E' claro que, ambas as partes têm de tomar precauções contra a má intenção com que uns e outros se podem apresentar a desejar essas relações. Esses, porém, devem eliminar-se e tratar apenas dos bem intencionados. Como se conseguirá essa colaboração? Primeiro, entre os operários, respeitando se uns aos outros, quer como pessoas quer como profissionais. Os que têm menos qualidades intelectuais ou menos qualidades manuais não devem ser atirados pelos companheiros para um plano de relações que os deprima. Ao contrário, procure-se elevá-los. Estes por sua vez, não devem apontar como defeito as virtudes daquêles que demonstram possuir melhor aptidão. E' que acontece algumas vezes, muitas vezes mesmo, os que demonstram melhor poder de adaptação e realização, serem apontados pelos companheiros menos hábeis como elementos prejudiciais à classe. Isto é um defeito moral, a juntar à sua falha de valor mecânico, é uma dupla inferioridade.

Há ainda aquêles insatisfeitos por incultura absoluta e por tacanhez de construção do seu ser inteligente, aquêles que discordam por incapacidade para concordar com os companheiros naquêles actos que são normais e correntes. Há os despeitados, a maior parte das vezes sem razão justa, mas porque não vêm mais. A êsses, é pô-los à margem e deixá-los viver no isolamento social que o seu temperamento, afinal, exige. E deixando-os isolados, são pessoas que, de resto, não farão mal a ninguém. As relações afectivas entre os operários são difíceis pela diversidade de educação, meio onde se formaram, instrução, caracteres, etc., etc. Elas requerem uma grande dose de bom senso daquêles que possuem melhor poder condutor e conhecimento inteligente do que é a vida.

A colaboração entre patrões e operários talvez seja mais fácil; é cada um procurar desempenhar-se o melhor que as suas faculdades permitam e o patrão reconhecer essa boa vontade também o melhor que as suas possibilidades consintam. Não discutamos os defeitos de ambos que muitas das vezes impossibilitam êsse acôrdo.

Nós todos, da região beira-mar—a gente ribeirinha, regra geral—somos estruturalmente bons. E' o clima, é a música, é o mar, é o sol e esta luz brilhante e transparente que nos invade a alma e a forma e a modela de amor e paz e de nós todos faz pessoas diferentes das outras, sim, diferentes, talvez para melhor.

A maior parte dos nossos operários são *cagarêus* natos. Têm, desde meninos de cueiros, respirado êste ar salgado que tempera as nossas fibras morais, e, aprendendo com o marulhar das águas os sons que lhes deram sensibilidade e intuição artísticas, conseguem em duas semanas fazer o que ontem fizeram, que, não sendo bom, revela no entanto algo por onde se pode concluir que só êste ar e êste cenário podem dar aquêle sentido invulgar de interpretação. Diz Raúl Brandão, no seu livro *Os Pescadores*, referindo-se a Aveiro: «A alma desta terra é, na realidade, a sua água». Efectivamente, esta alma vive em todos, mas está doseada de mais virtude ou de mais defeitos, segundo o carácter do meio onde cresceu e se fez alguém. Sofremos todos a influência do meio que nos rodeia, e quem estuda recebe, por influência dos mestres, uma mais forte impressão de vigor, rectidão, competência e sensibilidade, ou o

GERVÁSIO ALELUIA

CARLOS ALELUIA

VINHOS FINOS E DE MESA

Recomendam-se pela sua qualidade absolutamente garantida

Depósito em Aveiro—Rua do Americano—Telef. 179

Porto

Rainha Santa

Da antiga casa RODRIGUES PINHO

Registado sob o n.º 24.840

A' venda em tôda a parte

VILA NOVA DE GAIA — (PORTO)

contrário, se os mestres não tem as virtudes necessárias para dar aos alunos êsse toque. Nós, Aleluias, somos o que todos sabem, porque connosco vivem, afinal todos os dias. Temos as nossas virtudes—todos as têm; e temos os nossos defeitos—todos os têm.

Dos defeitos somos nós responsáveis; das virtudes não. Da alguma, muita ou pouca autoridade que possamos ter para arengar desta maneira, cabe a responsabilidade à formação geral assimilada pelos anos fora, influenciada pelos caracteres da família e dos mestres. Não posso deixar de aproveitar a oportunidade para manifestar a gratidão de que somos devedores, e render a nossa homenagem a quem influiu para que sejamos o que somos porque eu não me sinto muito mal por ser como sou. Podia ser melhor, ter mais virtudes; mas... nos tempos que vão correndo, quem tem o direito de pensar em entrar no reino dos céus?

Carlos Aleluia recorda, agora, que teve, como seu irmão, dois orientadores: um, da cultura literária e científica, o professor José Casimiro da Silva, já falecido—a quem presta a sua homenagem; o outro, na cultura artística e também moral, o sr. Silva Rocha, que os tem acompanhado de perto e sempre que dêle necessitam para resolver assuntos mais intrincados.

Agradece, por último, a comparência dos amigos presentes, a dedicada colaboração dos agentes de Lisboa e Pôrto, srs. Joaquim Sousa e Mário Forjó, que também se encontram na sala, e termina por citar os operários que vão receber um distintivo para a lapela do casaco, simbolizando a indústria do azulejo e da louça, com o nome da fábrica, o nome da cidade e, ao centro, o número, que é 20 ou 15, consoante os anos de serviço. Estes apresentam-se à chamada, pela seguinte ordem: António Guedes, Gonçalo Pinto, João de Oliveira, Manuel Pereira, Jacinto Lebre, Gonçalo Gourinho, Vitorino Reis, Lourenço Limas, Horácio Pinto, Fausto Armando, Arménio Pinto, Manuel Silva e João Salgueiro. Entre as palmas da assistência é-lhes entregue o distintivo por Gervásio Aleluia que carinhosamente os abraça assim como seu irmão.

UMA MENSAGEM DE RECONHECIMENTO

Homenagem a João Aleluia

Pedindo licença para falar em nome dos colegas, João Marques de Oliveira exprime-se dêste modo:

Minhas senhoras e meus senhores:

Senhores Gervásio e Carlos Aleluia:

Coube-me em sorte ser eu, um simples operário, sem cultura nem dotes oratórios, quem deva dirigir os agradecimentos dos meus camaradas nesta casa aos nossos queridos Patrões, pela obra altuista levada a cabo e de paternal carinho que a todos nós sempre nos dispensaram.

Tenho para isso, em primeiro lugar, de solicitar-lhes a benevolência indispensável para as modestas frases, desligadas e sem brilho, mas que têm a dar-lhes valor o cunho da sinceridade que está dentro das almas de todos os meus companheiros.

E se nós, pequenos, nada temos materialmente, temos no entanto uma grande riqueza, que é o nosso sentimento e que nesta hora trausborda dos nossos corações.

Os operários das Fábricas Aleluia, reconhecidos para com os seus queridos chefes, patenteiam-lhes o seu eterno reconhecimento e agradecimento pela grande prova de amizade e consideração, que neste acto lhes quiseram prestar.

E êste acto tem tanto de grande à nossa vista, que fez vibrar em profunda comoção a nossa alma, cuja sensibilidade foi, nesta sessão, rudemente posta à prova.

Calou bem fundo êste gesto dos nossos queridos patrões, não o podemos negar, e demais dando-se a circunstância dolorosa de o não podermos retribuir.

Tudo o que em paga lhes podessemos dar seria insignificante e sem valor.

Permiti, no entanto, queridos chefes, que as nossas almas reconhecidas se curvem respeitosamente perante Vós, imensamente gratas, com a promessa solene de continuarmos dedicadamente a servir-Vos, dando ao progresso industrial desta Casa o nosso melhor esfôrço e o nosso humilde, mas persistente, apoio.

Avaliamos quanta surprêsa e melindre terão causado, à Vossa reconhecida modéstia, estas descoloridas palavras, que em nome dos meus camaradas vos são dirigidas.

Mas deveis reconhecer que atraiçoaríamos a nossa consciência se não tivessemos duas palavras, ao menos, para manifestar o nosso agradecimento por nos terdes dedicado esta sessão.

Minhas senhoras e meus senhores:

Os mestres são os modeladores das almas dos artistas.

Dos bons mestres saem sempre bons operários; pelo que êles lhes ensinam, pelos conselhos que lhes dão e pelo carinho com que os protegem e encaminham para a vida.

Vós sois os nossos actuais Mestres, aqueles que nos ajudam a levar, com alegria, a cruz neste calvário da vida.

E se vós sois bons, é porque estais a representar Aquele grande Mestre, Aquele grande coração que Vos deu o ser, Aquele que soube ser o nosso primeiro Mestre, o nosso grande amigo, Aquele que o nosso coração jamais deixou de chorar.

João Aleluia foi o símbolo dos patrões, foi o fundador desta casa, desta escola de sociologia, que nos deu alento e coragem com a sua santa doutrina, toda cheia de bondade e transbordante de justiça.

Não pudemos esquecê-lo, nem está no nosso ânimo fazer êsse enormíssimo ultraje à sua memória, antes perdura, sempre calma, e repassada do seu sublime espírito, elevado como poucos.

E se em vida o veneramos, agora que no Além dorme o seu último sono, jamais o esqueceremos.

Perdemos João Aleluia quando menos o esperavamos, e com êle se nos foi o seu carinho, aquela amisade... aquele amor, deixando, felizmente, um rasto luminoso, a semente do seu exemplo, que germinou nos corações dos seus dois filhos, como herança sagrada.

E êles, como continuadores de seu querido Pai, tem sabido honrar a sua herança, desenvolvendo esta casa e cultivando nobremente a amisade dos seus operários, o que bem fica claramente patenetado nesta festa.

Repito: somos pequenos! Mas temos dentro do peito um coração que também sabe bater e mais fortemente quando nos impele a cumprir um acto que julgamos sagrado e de profunda gratidão por Aquele que foi exemplo de entranhado amor aos seus operários.

Perpetuar a sua memória, prestamos-lhe a homenagem das nossas almas enternecidas, para que os vindouros contemplem, com respeito, a sua veneranda imagem, Aquela grande personalidade do que foi nosso querido Mestre. Por isso convido seu neto João Carlos Aleluia a descerrá-la, guardando-se, em seguida, um minuto de silêncio.

Após a cerimónia, prossegue:

É bem simples esta homenagem, mas é sentida, é a manifestação da nossa muita amizade, do nosso grande reconhecimento. É simples, mas tem a pureza e o calor do seu exemplo, que fica a atestar por todo o sempre o quanto podem os Mortos quando nos legam uma vida altruísta e tôda cheia de nobreza.

Que os novos, aqueles que O não tiveram por Mestre, vejam naqueles traços fisionómicos a bondade a transparecer, e venham junto dêle buscar coragem e, com os velhos que o serviram, chorar duas lágrimas de saudade e suplicar a Deus a Paz da sua Alma.

Que o olhem todos com amor, e tê-la-ão como o seu Anjo da Guarda, no seu trabalho do dia a dia.

E se alguma coisa de misterioso existe no Além, João Aleluia, a modéstia personificada, sentirá estremecer de alegria o seu corpo adormecido, por ver neste nosso acto a gratidão, a prova inolvidável do nosso grande e eterno amor.

Que Sua Ex.ma Espôsa nos perdoe o mal que êste nosso gesto lhe possa ter causado, avivando a sua dôr, e sirva-lhe, ao menos, de lenitivo nêste momento, um modesto ramo de flores, que vão orvalhadas com as lágrimas da nossa saudade.

Aos seus dois filhos, novos Herois do Trabalho, irmãos unidos na mesma causa do amor e do trabalho, com a manifestação sincera do nosso muito respeito, o pedido de nos perdoarem, por termos feito renascer também a sua dôr.

E a concluir:

A alta estima em que todos temos os nossos patrões, pela sua mestria, pelo seu esfôrço ilimitado, pelo progresso desta sua casa e conseqüente garantia de trabalho para todos nós, leva-nos a patentear-lhes de uma forma simples, é certo, mas verdadeiramente sincera, repito, o quanto os estimamos.

Vincar bem a profunda gratidão que nos sai da alma, é o nosso propósito. Pelo bem que têm feito, pela sua bondade, patenteiam aos dois corações unidos, na arte, no amor e na familia os fieis operários desta Casa, a sua maior admiração, que ficará na mensagem que é do seguinte teor:

Mensagem

Dignem-se V. Ex.as aceitar os protestos da respeitosa estima e profunda gratidão de todos os operários que trabalham sob as suas ordens.

Muitas vezes sucede que os patrões são simples homens de negócios, buscando afanosamente o enriquecimento próprio à custa do suor, do sangue e das lágrimas dos outros.

Amontoam riquezas; mas o seu oiro maldito é caldeado de misérias, sem a mais insignificante liga de devoção ou amor dos que, penosamente, o carrearam para os cofres da sua cupidez.

Não são assim V. Ex.as, que bem sabem compreender o valor e dignidade dos que os servem, estimando-os como colaboradores e amigos.

Nos operários, V. Ex.as vêem, não máquinas que se utilisam e, quando inuteis, se desprezam; mas almas, sempre dignas de respeito e carinho. Almas irmãs das suas, com iguais alegrias, as mesmas tristezas e semelhantes aspirações e anceios.

As fábricas de V. Ex.as transmudaram-se num verdadeiro lar; de patrões V. Ex.as fizeram-se Pais amicíssimos dos seus operários, alegrando-se com as suas alegrias, sofrendo com os seus sofrimentos, e sempre e em tudo mantendo na casa a labareda alta de um grande amor.

Compreendem-no os seus modestos servidores; e por isso determinaram prestar a V. Ex.as esta modestíssima, mas sincera homenagem.

Para bem servir, é preciso amar; e só se ama, verdadeiramente, quem merece ser amado:

V. Ex.as merecem o amor dos seus operários, que por isso vêm jurar servi-los lealmente, generosamente, alegremente, com o dom total de si mesmos.

O PESSOAL

Esta mensagem, encerrada numa artística pasta, foi, por intermédio da sr.a D. Elizette Aleluia, entregue aos irmãos Aleluias no meio de estrepitosas palmas, de aplausos veementes. A placa, descerrada antes, essa, além do retrato do fundador da fábrica, contém os seguintes dizeres:

Ao saudoso chefe João Aleluia exemplo de entranhado amor aos seus operários.

O pessoal das Fábricas Aleluias
1943

O acto do descerramento teve emoção. A sr.a D. Conceição Aleluia, que se acha presente, recebe das mãos duma operária um formoso ramo de cravos. E Carlos Aleluia, a custo, improvisa palavras de agradecimento, no fim das quais o presidente encerra a sessão, congratulando-se pela maneira como ela decorreu e assinalou dentro da importante fábrica aveirense, conhecida em todo o país, o fim do ano de 1943.

UM JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Pelas 20 horas e no mesmo salão realizou-se um jantar oferecido a todo o pessoal em honra dos distinguidos. Assistem vários convidados. O primeiro lugar à mesa é ocupado pela sr.a D. Conceição Aleluia que tem à sua direita os srs. Silva Rocha, dr. Joaquim Henriques e Luís Côrte Real; e à esquerda, Arnaldo Ribeiro, Alfredo Esteves e Alberto Casimiro da Silva.

Na altura dos brindes, inicia-os o professor do Liceu, sr. dr. Assis Maia com êste discurso:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Em frente de nós, estão os heróis desta admirável batalha: a batalha do trabalho, a batalha da solidariedade, a batalha do bem.

É vê-los, como eu os vi, vezes sem conta, em anos sucessivos—nesta casa que percorri de lés a lés—a trabalhar com calma, sem uma palavra mais alta, sem um azedume, sem uma imprecação, e reflectindo nos seus movimentos a regularidade do movimento de todos os maquinismos. Ordem, método, asseio e disciplina; eis o que sempre encontrei aqui dentro.

Mas há mais: todos os rostos irradiavam—o observador menos sagaz não poderia deixar de o surpreender—contentamento, alegria. Prova evidente da superior, da proficiente direcção dos dois Artistas, protótipos da honradez e da lealdade, que tam dignamente têm sabido honrar o nome de seu pai—o bom amigo João Aleluia, a cuja memória presto a minha mais sentida homenagem.

Êles sabem todos, êstes dedicados operários, que encontram sempre, na sua Fábrica, o amparo necessário—no trabalho, como na invalidez; na saude como na doença. Nada lhes falta: nem a cantina, nem a higiene, nem o médico, nem a farmácia, nem a assistência desvelada e carinhosa.

Gervásio e Carlos Aleluia são, realmente, para os seus operários, mais do que os patrões, os orientadores ou dirigentes; são os amigos, e amigos que não faltam na hora própria. Se outras provas não houvesse—e há tantas!—bastaria esta singular, tam eloquente festa—uma das mais simpáticas a que tenho assistido na minha vida.

Filho do povo, não posso esconder a alegria que sinto por ver reconhecido o esfôrço dêstes humildes que, durante mais de quinze anos, de alma e coração se devotaram ao serviço desta Casa.

Que beleza moral, meus senhores! Honra quem recebe; mas honra, também, quem dá!

Os dirigentes podem sentir-se satisfeitos com os seus invulgares triunfos, com a notável obra realizada, onde palpita e vive, além de rasgadas vistas de homens de acção, inteligentes e enérgicos, o fulgente clarão duma bondade sem mácula.

Tenho orgulho em declarar que a êles me ligam relações de parentesco e os mais sólidos laços da mais franca amizade — amizade que vem dos já longínquos tempos do Liceu.

Tenho orgulho ainda, como aveirense, em reconhecer que esta Fábrica é uma fábrica modelar que, se honra os seus dirigentes e os seus operários, honra também a nossa terra, honra o nosso país

Eu não podia deixar de comparecer aqui, para manifestar aos operários que foram distinguidos o meu grande apreço; e aos inteligentes e activos industriais que dirigem a Fábrica Aleluia o irrecusável testemunho da minha melhor estima e admiração.

Agora, uma surpreza... A homenagem é pobre, singela, mas é sincera, desinteressada:

NO DIA DA FESTA

Amando a sua Fábrica e servindo
Largos anos—já quinze! — com fervor,
Estes tão dedicados operários—
Leveza, fôrça, graça, engenho, ardor!—
Unidos todos, contas de rosários,
Irromperão, gritando ao orbe inteiro:
Aleluia & Aleluia, Aveiro!

Gervásio e Carlos, meus bons amigos:

Sei que vou ferir a vossa delicada modéstia. Perdoai-me: fiz só o que o coração mandou. O acróstico — nada vale. Para o valorizar, quis que ao lado figurasse o vosso retrato, para que cada operário, até à morte, pudesse ter a honra e o prazer de contemplar, na sua própria casa, a imagem dos seus queridos patrões, dos seus grandes Amigos.

* * *

Falei nos Filhos: não posso esquecer a Mãe.

Minha Senhora:

Gostei de a ver no seu lugar, no lugar que lhe pertencia, a presidir a esta encantadora festa que, infelizmente, está a terminar.

Com as minhas felicitações, beijo-lhe, respeitosamente, a mão.

Uma calorosa salva de palmas ecoa por tôda a sala, aplaudindo a primorosa oração do sr. dr. Assis Maia, que tão bem focou a personalidade dos afintriões, pela saúde e prosperidade dos quais brindam ainda o director dêste jornal e os srs. Alfredo Esteves, Pedro Grangeon e Silva Rocha. Carlos Aleluia agradeceu noutro feliz improviso, depois do que o orfeon, que, na véspera, havia tomado parte num interessante espectáculo do pessoal operário, executa a lindíssima canção *Tricanas da Beira Mar* e outras igualmente de belo efeito, terminando a festa no meio de salutar alegria.

A Gervásio e Carlos Aleluia significamos nestas colunas a satisfação que sentimos em ver elevados os seus méritos pessoais no conceito de todos os seus amigos e conterrâneos

Natal e Ano Novo

Visite a exposição de BRINQUEDOS

e outros artigos de NOVIDADE

NA **CASA SOUTO RATOLA**

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Rosalina da Conceição Neto e D. Natália Faias Garcia Couceiro, esposas, respectivamente, dos srs. Cipriano Neto, chefe de secretaria da Câmara Municipal, e Eugénio Couceiro, residente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel de Lemos, ausente em Cassequel (Angola) e os nossos amigos dr. Abílio Justiça, distinto oftalmista, e dr. Mário Duarte, consul de Portugal em Berlim; àmanhã, a sr.a D. Celeste Freitas Fidalgo, esposa do sr. Benjamim Fidalgo, comerciante local, e o sr. Estêvão Rebelo de Almeida, industrial de panificação, e o filho E'lio, do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal; no dia 27, a sr.a D. Julia de Oliveira e Silva, cunhada do sr. Artur Marques da Silva, inspector dos caminhos de ferro do Vale do Vouga, e o sr. Alberto Ferreira Barbosa; em 28, a sr.a D. Isabel de Almeida Marcos Vilela, professora oficial em Ester (Castro Daire) e os srs. tenente Joaquim de Matos, Henrique Ramos, da Foto-Central, e Fernando J. Rocha, de A Pérola do Rossio; em 29, a sr.a D. Maria Isolina Rodrigues Leitão, esposa do nosso amigo dr. Humberto Leitão, esclarecido clínico, e os também nossos amigos dr. Joaquim A. de Azevedo e Castro, desembargador da Relação de Lisboa, e Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino, e a inocente Maria Manuela, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, chefe da Secretaria Judicial de Penafiel; em 30, os srs. José de Pinho Vinagre, filho do sr. António de Pinho Vinagre, ausente na América do Norte; dr. Mário de Azevedo e Castro, médico nas Caldas da Rainha, e Joaquim Coelho da Silva, chefe de conservação de Estradas em Paredes (Douro) e em 31, a sr.a D. Laura Mendes Leite de Almeida, esposa do sr. general João de Almeida, e D. Barbara da Costa Crêspo, residente em Cruz da Légua (Pôrto de Mós), o sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e o académico José Marques Pitarma, filho do sr. Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa.

Gente nova

No Pôrto teve a semana passada a sua délivrance, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.a D. Isabel de Melo Duarte, dedicada esposa do nosso presado amigo dr. Mário Faria Duarte, consul de Portugal em Berlim, e que naquela cidade se encontra em gôzo de licença.

O Democrata, felicitando o estimado aveirense e sua esposa, faz votos por que à recem-nascida esteja reservado um futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

A passar as férias do Natal encontram-se em Aveiro as sr.as D. Marília da Rocha Pereira e D. Justina Domingues Vital, professoras, respectivamente, em Colmeias (Leiria) e Sejãis (O. de Frades) e os srs. dr. Carlos do Vale, juiz de Direito em Caminha; João Luís dos Santos Vaz, funcionário da Caixa Geral de Depósitos em Lisboa e Celestino Neto, aspirante de Finanças no Pôrto.

—Estiveram nesta cidade os nossos amigos Alexandre Gigante e Julio Loureiro, representantes de duas importantes casas comerciais do Pôrto.

Doentes

Em virtude do seu estado inspirar os maiores cuidados, deu entrada num quarto particular do Hospital da Universidade de Coimbra, a-fim-de ser operado, o nosso conterrâneo Adriano Casimiro da Silva, sócio da firma F. Casimiro da Silva & Filhos, desta cidade.

Sentindo, fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

— Também não sai de casa, devido a um ataque de gripe que o tem apoquentado, o nosso amigo João Mota, empregado no Banco Regional.

As suas melhoras, têm se, porém, acentuado, o que estimamos.

Falta de espaço

Ainda por êste motivo deixamos de inserir esta semana alguns originais.

Que nos perdôem os seus autores.

Agente em Aveiro: RÁDIO ELECTRO REPARADORA de Ercílio Coelho — Rua de José Estêvão, 41

Carlos Mendes
Proprietário dos estabelecimentos JARDIM DAS MODAS E SAVOY

cumprimenta os seus estimados clientes, desejando-lhes muito BOAS-FESTAS e um ANO NOVO feliz e próspero.

JARDIM DAS MODAS Telefefone 211 — SAVOY Telefone 119

HOFALI
ALTA PERFUMARIA

deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos muito BOAS FESTAS e um feliz ANO NOVO.

Joaquim de Oliveira Sérgio, F.os
Lanifícios e Chales

desejam aos seus presados Clientes e Amigos muito BOAS FESTAS e um NOVO ANO muito próspero.

Avenida Dr. Lourenço Peixinho — AVEIRO

A Casa Souto Ratola

cumprimenta os seus Ex.mos Clientes desejando-lhes um Natal feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

A CASA GONZALEZ

cumprimenta os seus Ex.mos Clientes desejando-lhes um Natal Alegre e um ANO NOVO cheio de prosperidades

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Aos estudantes

Professor diplomado vem participar que dá explicações teóricas e práticas das línguas francesa e alemã.

Informa a *Agência do Cimento Liz*, Avenida Dr. Lourenço Peixinho—AVEIRO.

Agradecimento

A viuva e demais família do falecido José António da Silva, na impossibilidade de agradecerem a tôdas as pessoas que durante a sua doença se interessaram pelo seu estado e o acompanharam à última morada vêm fazê-lo por esta forma, reparando assim qualquer falta que hajam cometido, embora involuntàriamente.

Esgueira, 20 de Dezembro de 1943.

Farmacêutica

Oferece-se. Resposta a êste jornal.

Os melhores espumantes naturais são os do

Barrocão

Sortes Grandes

E

CASA COSTA

Duas expressões que se confundem

75, Rua de S. Paulo, 77

LISBOA

NECROLOGIA

No Alboi finou-se, segunda-feira, com 58 anos e após prolongado sofrimento, Maria Gonçalves Lopes da Costa, casada com o sr. Serafim Nogueira da Costa, de quem deixa uma filha.

Era tia da sr.a D. Margarida N. da Costa Leitão e da esposa do nosso amigo Alberto Carvalho, gerente da filial da *Portugal e Colónias*.

Aos doridos, as nossas condolências.

* * *

Em Pedaçães, concelho de Agueda, faleceu a semana passada, com 70 anos de idade, o médico e proprietário, sr. dr. Manuel Marques Vidal, que fez os preparatórios no nosso Liceu e à cidade vinha de vez enquando.

Vida militar

Foi promovido a tenente o nosso conterrâneo sr. João Baptista Marques, que fez parte do contingente de Infantaria 10 que esteve nos Açores.

Felicitamo-lo.

Casa Compra-se em rua de movimento com rez-do-chão para negócio.
Nesta Redacção se informa.

DR. JOAQUIM HENRIQUES
MÉDICO
Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras — das 16 às 18 horas
PRAÇA DO COMÉRCIO (Aos Arcos)
AVEIRO

Casa do Povo de Aradas

Concurso

Está aberto concurso pelo espaço de quinze dias a contar da data da publicação dêste anúncio, para o lugar de escriturário e cobrador desta Casa do Povo.

As condições estão patentes aos interessados na sede dêste Organismo.

Aradas, 23 de Dezembro de 1943. A DIRECÇÃO

Vendem-se duas galeras e dois cavalos com os respectivos arreios. Tudo junto ou separado. Dirigir a Reinaldo Canha, em Aradas

FÁBRICAS ALELUIA

ALELUIA & ALELUIA

AZULEJOS BRANCOS E PINTADOS — LOUÇAS DECORATIVAS, SANITÁRIAS E DOMÉSTICAS

Fábrica Aleluia
Canal da Fonte Nova (TELEF, 22)
Fundada em 1905 por João Aleluia

Fábrica Gercar
Rua das Olarias (TELEFONE 87)
Fundada em 1924

AVEIRO

Aos fabricantes de Queijo e Manteiga

Os estabelecimentos JERÓNIMO MARTINS & FILHOS, L.DA, têm a honra de avisar que, para melhor servir os seus estimados clientes, instalou um novo Depósito da sua Secção Industrial, na

Drogaria de Aveiro, L.da

AVEIRO

a qual tem em armazém Desnatadeiras, Batedeiras, Coalhos, Corantes, Filtros, aparelhos para análise do leite, queijo e manteiga, e em geral todos os artigos necessários para a

Indústria de Lacticínios

Éditos de 30 dias

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da 2.ª Vara da comarca de Aveiro—1.ª secção, correm seus termos uns autos de acção sumária em que é autor João Matias Sarabando, casado, operário, da vila e freguesia de Vagos, desta comarca e são réus Agnelo Mendes Bolhão e mulher Maria da Encarnação Bolhão, agricultores, êle ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América do Norte e com último domicilio na dita vila e ela ali residente; e, nêles alega o autor, alem do mais, que deve declarar-se de nenhum efeito o contrato de compra e venda da terça parte duma terra lavradia, sita no «Arneiro», celebrado em 17 de Março de 1943, entre o vendedor Ricardo Matias Sarabando e os compradores referidos réus, reconhecer-se-lhe o direito de a haver para si em virtude do disposto no § 1.º do art.º 1566 do Cod. Civil; e que a acção deve ser julgada procedente e provada e os reus condenados em selos, custas e procuradoria. E nos referidos autos correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e última publicação dêste anúncio, citando o dito réu Agnelo Mendes Bolhão, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a mencionada acção.

Aveiro, 6 de Dezembro de 1943.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção, 2.ª Vara

António A. dos Santos Vitor

Explicadora

1.º ciclo, tôdas as disciplinas; 2.º Fisica-Quima. Resposta a êste jornal.

Relógio de confiança

só na

Ourivesaria Lopes, Sucessores

Praça 14 de Julho — AVEIRO

(Junto ao consultório do sr. dr. Alberto Machado)

Companhia de Seguros O TRABALHO

Não façam os seus seguros de Acidentes no Trabalho sem consultar os escritórios da Agência Distrital **O Trabalho**, Companhia de Seguros em todos os ramos, sita à Rua Mendes Leite, n.º 4, em Aveiro.

Vantajosas e interessantes modalidades nos **seguros de vida.**

Peçam uma consulta.

Visitem o seu Pôsto de Socorros e procurem saber a pontualidade como se tratam todos os sinistrados e a forma como recebem, todos os sábados, as importâncias a que têm direito, sendo esta a cópia do que se faz em Lisboa e Pôrto.

COSTA

Não confundir...

pois é a marca de que o público gosta

Só na **CHAPELARIA COSTA**

é que encontrareis o maior sortido em chapeus e bonets de fabrico esmerado e garantido. E o que há de melhor e mais moderno

Avenida Dr. Lourenço Peixinho

(Próximo à Estação do C. de Ferro)

AVEIRO

Testa & Amadores

Comissões, Consignações, Cereais, Ferragens e Mercearia Vidraça

Depositários de petróleo e gasolina SHELL

Rua Eça de Queirós

AVEIRO

GABARDINES

VITÓRIA

A MARCA QUE LHE CONVEM

CORTE IMPECÁVEL

SÓ A ENCONTRA NA SAVOY

Avenida Dr. Lourenço Peixinho

(Telefone 119)

Pensão-Restaurante

Passa-se muito afreguesada e em bom local, preferida pelas excursões tanto do norte como do sul e ainda pelos viajantes de todo o país.

Nesta Redacção se indica.

Dr. Abílio Justiça e Dr. Cunha Vaz

MÉDICOS ESPECIALIZADOS EM DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS—Em Aveiro, todas as sextas-feiras, no *Hospital da Misericórdia*, das 13 às 15,30 horas e em Coimbra, todos os dias na Rua Visconde da Luz, 8-2.º, das 10,30 horas em diante.

Parteira diplomada

Alcinda Machado

PARTOS E TRATAMENTOS

— Rua da Manutenção Militar, 13 —

COIMBRA—Telefone 3.130

CASA VENDE-SE a que fica em frente ao *chalet* do sr. dr. Pompeu Cardoso e o terreno contíguo que vem até à «Fonte dos Amores». Tem cave e quintal com água.

Tratar com José de Pinho.

Madeira de castanho

Vende-se por junto e a retalho.

Rua Direita, 68—AVEIRO.

Lâmpadas eléctricas

Ricardo M. da Costa

Rua da Cerredoura—AVEIRO

Pedro de Almeida Gonçalves

MEDICO

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Clinica geral

Consultas todos os dias úteis das 9 às 12 e das 15 às 18 h.

Praça do Comércio

(Em frente aos Arcos)

— AVEIRO —

O chapeu que Portugal usa

Vendedor exclusivo em Aveiro

ÚLTIMO FIGURINO

Avenida Dr. Lourenço Peixinho

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

em língua portuguesa

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49.0	WRUL	38.4	WKLJ	39.7	WBOS	48.9
8,45	WKTS	49.0			WKLJ	39.7	WBOS	48.9
9,45					WKLJ	30.8	WBOS	25.3
12,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	25.6	WGEO	19.6
13,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	16.9	WRUL	19.5
17,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8				
18,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEA	25.3		
19,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEO	31.5	WKLJ	30.8
20,45 às 21,15	WRUA	39.6	WRUS	31.4	(meia hora de programa especial)			
21,45	WRUA	39.6	WRUS	31.4	WKLI	30.8		
22,45					WKLI	30.8		
23,45					WKLI	30.8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na freqüência de 48,43 m. 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m

(Emissões diárias)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Agência Comercial e Industrial de Aveiro, L.da

Rua de José Estêvão, n.º 14—Tel. 246

Encarrega-se da montagem de instalações eléctricas de luz e fôrça

Consultem os seus preços. —— Orçamentos grátis.